

Ermírio: estabilidade beneficiará o ocioso

SÃO PAULO — O Diretor Superintendente do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, disse ontem que se encontrou na terça-feira à noite, no restaurante do Hotel Ca'D'Oro, com o Líder do PMDB na Constituinte, Senador Mário Covas — a convite de Covas, que lhe telefonou no domingo —, com a preocupação principal de transmitir ao Senador sua opinião sobre alguns pontos em discussão na Constituinte, como a estabilidade no emprego — que, para ele, beneficiará a quem não trabalha — e a jornada de trabalho de seis horas:

— Isso me dá mais medo do que uma volta dos militares ao poder.

Segundo Ermírio, Covas lhe disse que a questão da estabilidade e a da jornada de trabalho podem ser alteradas no plenário.

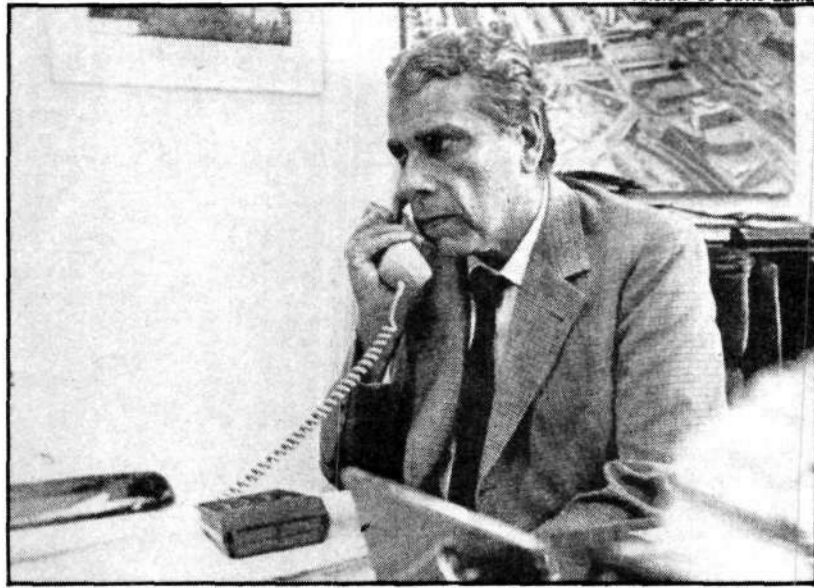
— Justifiquei para ele que a preocupação de quem produz no Brasil de hoje é que, com a estabilidade, se estará beneficiando o vagabundo. Isso é que é preciso que os constituintes entendam. Não é uma atitude populista que fará o País crescer ou se desenvolver. O que é preciso nesse momento é bom senso.

Outro ponto da conversa foi a jornada de trabalho de seis horas.

— Ora, hoje, com oito horas, ainda temos dificuldades e até horas extras. Um problema básico está ocorrendo: temos que aperfeiçoar a produtividade. Temos matéria-prima excelente, mas a relação homem/hora no Brasil ainda é baixa. Temos que melhorar até para que nossos produtos sejam mais competitivos em termos de preços. Espero que esta questão seja revertida, para o bem do País.

Ermírio disse que ficou surpreso ao encontrar, além de Covas, jornalistas no restaurante:

— Falei para o Mário que preferia um local discreto, mas ele escolheu o Ca'D'Oro. Não sei quem os chamou, porque o encontro seria de amigos.



Ermírio condena também a proposta de jornada de trabalho de seis horas

O que tinha a dizer ao Covas era sobre Constituinte.

Além de contar os detalhes do encontro com Covas, Ermírio falou também de política.

— Admito que sou favorável à eleição para Presidente em 1988, mas só para Presidente, porque entendo que eleições gerais seriam caras, um preço absurdo para o País. Concordo com o Mário Henrique Simonsen, no seu artigo no GLOBO, em que analisa as nossas dificuldades.

Ermírio contou ainda que alguns dirigentes do PTB quiseram um encontro com ele.

— Resolvi me encontrar com eles, afinal é fim de ano, festas. Sou educado. Alguns deles me ajudaram no ano passado na campanha eleitoral. O encontro foi bom, mas reafirmei que não quero ser candidato e fui além: como pode um candidato à Presidência defender a estabilidade e a jornada de trabalho de oito horas? Este é um ponto básico para acabar

com a popularidade de qualquer um nos dias de hoje. É básico que um partido tenha gente que defenda causas populares, caso pense em ganhar uma eleição. Continuo dentro de minha posição, não sou candidato e não desejo ser. Muita gente quer que eu seja. Muitos amigos e entre eles o Delfim Neto. Tem gente até que mandou imprimir adesivos com o meu nome. Continuo na minha: sou mais útil trabalhando na minha empresa. Gosto do que faço. Não vou me meter em política de novo.

— Apesar de sua popularidade? — perguntou o repórter.

— Quanto ao fato de eu caminhar pelas ruas da cidade, isso é normal. Há três anos fui operado do joelho e, por causa disso, sou obrigado a caminhar. As pessoas me cumprimentam, é normal isso, mesmo antes de ter sido candidato ao Governo de São Paulo. Agora exploram este fato, que para mim é normal. Não vou recusar cumprimentos, sou educado.

Simon prega o isolamento de grupos radicais

PORTO ALEGRE — O Governador Pedro Simon criticou ontem os que apontam como saída para a Constituinte a articulação de um grupo à esquerda, formado por setores de vários partidos, entre eles o PMDB, PCB, PSB, PC do B e PT. Segundo Simon, esta composição não poderia deixar de ser minoritária. O caminho, acredita o Governador, seria uma articulação dos setores progressistas do PMDB "com liberais e com a maioria silenciosa", estratégia ideal para isolar "os radicais de direita e de esquerda".

Pedro Simon aponta o Líder do PMDB na Assembléia Nacional Constituinte, Senador Mário Covas, como o político mais preparado para realizar esse trabalho de "costura partidária", adequado à obtenção de uma média da opinião do partido que assegure a estabilidade da Assembléia Constituinte. O Governador enfatizou a importância de um entendimento que permitia assegurar o bom andamento dos trabalhos constituintes e alertou, advertindo para a inoportunidade da predominância de grupos, não se restringindo com isso ao Centrão.

O Governador lembrou ainda que o PMDB, em convenção nacional, já definiu que cada constituinte terá autonomia para votar no plenário, salientando, entretanto, que isso não exclui a possibilidade de entendimentos. Ele contestou a proposta de uma convenção nacional extraordinária do partido, justificando que ela seria prejudicial à Constituinte. Na sua opinião, uma convenção agora desviaria a atenção do País e atrasaria ainda mais os trabalhos da Constituinte — que ainda discute o Regimento Interno —, o que seria extremamente negativo.

Quércia condena convenção já

SÃO PAULO — Uma convenção agora só racharia o partido. Com esta afirmação, o Governador Orestes Quércia rebateu ontem a declaração do Líder do PMDB na Constituinte, Senador Mário Covas, de que só a convocação imediata de uma convenção partidária evitaria o crescimento das insatisfações internas e o fracionamento do PMDB.

Quércia acha que uma convenção do PMDB nesse momento "teria os mesmos resultados da última convenção". (Na convenção de julho, convocada para que o partido definisse sua opinião sobre a duração do mandato do Presidente José Sarney,

nada se decidiu: o PMDB remeteu a questão para a Constituinte.)

Na sua opinião, ao contrário do que prega Covas, não é o PMDB que está precisando de definições:

— O que estamos precisando mesmo é da definição da Constituinte. O que o País precisa é de um entendimento entre os constituintes para que a nova Constituição seja votada o mais rápido possível. E só uma questão de votar e isso depende apenas da vontade dos parlamentares — afirmou.

Quércia responsabiliza os constituintes pelo atraso nos trabalhos.

Não quis citar nomes, mas atribuiu a ausência de data para a promulgação da nova Carta "à intransigência de alguns parlamentares".

O Senador Mário Covas entende que, por intermédio da convenção que propõe, o partido deveria definir logo sua opinião sobre o relacionamento com o Governo e o mandato presidencial, além de reafirmar seus compromissos e princípios programáticos. Covas negou ter tratado da criação de um partido em seu encontro com o empresário Antônio Ermírio de Moraes, na terça-feira:

— A nossa luta é dentro do PMDB

— disse. — Daí nossa preocupação de definir os rumos do partido.

Quanto à sucessão presidencial, o Governador Orestes Quércia voltou a insistir que não é candidato — "meu objetivo é cumprir o mandato para o qual fui eleito da melhor forma possível" — e reafirmou sua decisão de não apoiar qualquer presidente viável antes da definição do PMDB:

— Como não é segredo para ninguém, considero o Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, o candidato natural do partido, mas o fato é que o candidato da convenção é que será o meu candidato — disse.